

O COMANDANTE DO GOVERNO

FHC quer Marco Maciel ao seu lado em 1998 e defende Sérgio Motta. Apóia tempo menor de campanha e diz que oposição está perdida

PORTO ALEGRE — Depois de considerar “encerrada” a questão da reeleição e que agora se deve trabalhar pelo Brasil, o presidente Fernando Henrique Cardoso revelou, em entrevista à rádio Gaúcha e à RBS TV, de Porto Alegre, que o atual vice-presidente Marco Maciel continuará na sua chapa presidencial para 1998: “Se depender da minha vontade, fica”.

Fernando Henrique frisou que “o governo é comandado por mim” e não pela cúpula do PFL, contestando a afirmação do senador Pedro Simon (PMDB-RS) ao programa Jô Onze e Meia, o que havia provocado um acirrado debate na véspera do ex-governador gaúcho com o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA).

“O PFL tem, ao que me lembre, os ministérios da Previdência e do Meio Ambiente, assim como outros partidos possuem outros ministérios (o presidente não citou o de Minas e Energia). Quem se incomoda são outros líderes no Congresso porque os do PFL são experientes”, acrescentou o presidente.

O presidente reafirmou que o deputado Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA) é o líder do governo na Câmara e que o ministro Sérgio Motta irá ajudá-lo “como outros ministros também ajudarão: com um bom desempenho na pasta e obviamente defendendo o governo”.

“O ministro Motta é ministro das Comunicações. Em certo momentos, à pedido dos partidos no Congresso, ele atuou ajudando líderes. O ministro Motta tem personalidade de política forte dentro do PSDB. Assim como os de outros partidos com personalidade política forte, existem por eles próprios. O ministro Motta nunca foi meu porta-voz. A toda hora vejo que dizem que quando o presidente quer, fala pelo ministro Motta. Quando eu quero, falo com qualquer ministro, depende de qual a área”.

“O ministro Motta faz um extraordinário trabalho como ministro das Comunicações e agora estamos licitando, de maneira limpa e transparente, até R\$ 7 bilhões para a Banda B da área de telefonia. Antes o presidente dava concessões, tinha direito de conceder bilhões. Agora, temos licitação, comissão, transparência”.

Sobre as denúncias da compra de votos de parlamentares para que votassem a favor da reeleição e de um suposto envolvimento do seu ministro das Comunicações, o presidente disse que as acusações fo-

ram feitas por “um anônimo, que todos dizem saber quem é mas eu não sei. Fez afirmações e referências vagas”.

FALÁCIA

Contrapôs com “um fato concreto: neste ano, infelizmente, nem o estado do Acre nem o estado do Amazonas receberam qualquer recurso do governo federal. Se houver alegação (de destinação de recursos), é falácia”. Disse ter compromissos com o Acre desde a campanha eleitoral de “fazer uma ou duas estradas. Foram os únicos recursos liberados, mas em 1995 e 96, num convênio do governo anterior, mas infelizmente neste ano de 1997 não foi liberado um tostão”.

Fernando Henrique disse que as acusações feitas contra seu governo na questão de suposta compra de votos “não tem fundamento nenhum. É de novo uma vontade de jogar pedras”. Por tudo isso, entende que a questão da reeleição, já aprovada pelo Congresso, “está encerrada”.

Ele considera “ruim” para o país a antecipação do calendário eleitoral, mas rejeita que isso tenha ocorrido pela aprovação da reeleição. “A reeleição era uma tese a ser discutida independentemente do candidato, que vai se saber na hora oportuna. É uma coisa prematura. Só daqui a um ano vai se saber do ponto de vista físico das pessoas, de vontade da população. Infelizmente, aqui deram os nomes aos bois. Aí complicou. Mas vamos esquecer a questão da eleição, um ano passa rápido”.

Quanto a dúvidas sobre a descompatibilização dos governantes na reeleição, Fernando Henrique lembrou que houve consulta do senador Freitas Neto ao TSE para que decida a questão e que irá aguardar a definição jurídica. Ele defendeu também a redução do período de propaganda eleitoral nos meios de comunicação “por uma questão de bom senso. Um dos males do Brasil é a politicalha. Se passa muito tempo discutindo assuntos sem interesse para o povo. Campanhas longas como no Brasil não ocorrem em lugar nenhum do mundo”.

Ele voltou a criticar o senador Pedro Simon por ter-lhe sugerido encaminhar ao Congresso Nacional proposta de referendo popular para respaldar a emenda da reeleição: “O senador Simon estava muito ocupado em fazer críticas ao governo e não leu a Constituição e não teve tempo de pensar melhor nas funções do Congresso”.

“O artigo 49, inciso 5º da Constituição

Carlos Eduardo



Fernando Henrique com o escritor Fernando Novaes: mais tempo para a leitura depois da batalha da reeleição

tuição, estabelece a competência privativa do Congresso propor referendo e plebiscito. Não posso, como presidente, propor nada disso. E isso foi proposto (pelos parlamentares) na Câmara e no Senado. Mais tarde, propus ao PPB que houvesse uma consulta popular, mas não aceitaram. A Câmara votou e a proposta foi derrotada. O senador Simon propôs no Senado, e também foi derrotado. Como ele quer que eu atropelar agora o Congresso?”, questionou.

ESQUERDAS

O presidente rejeitou interpretações das esquerdas brasileiras de que poderão vencer as eleições presidenciais do próximo ano, na sequência das vitórias da esquerda na Inglaterra e França. Disse que “parte das esquerdas brasileira está perdida. Não sabe do que se trata, nem tem idéia do que aconteceu na sociedade. Nem aqui nem lá fora. E ficam insistindo em temas que não são verdadeiros”.

“Não acredito que o mercado deva ser o senhor da razão e da política. Não sou favorável a que o mercado prime sobre a política ou sobre o estado. Estamos refazendo o estado em benefício da população para um sentido social verdadeiro e não demagógico”.

Por isso, o presidente não aceita “o epíteto de neoliberal”, pois busca uma “forma mais eficaz” da ação do estado. “A minha posição é muito

equilibrada, em ampla medida coincide com o Tony Blair, às vezes vai um pouco mais longe que as propostas dele. A França é uma situação mais complicada, mas o novo primeiro ministro é um europeísta”.

“Conversei muito com o Tony Blair na Inglaterra. Se eu fizesse aqui no Brasil o que ele está propondo e fazendo lá, diriam que eu era ultra neoliberal. O Tony fez o que nenhum conservador na Inglaterra

O governo é composto basicamente por pessoas que não são políticas nesse sentido de falar às massas, têm uma formação técnica maior e têm dificuldades em falar”.

“Se acanham, não vão para a televisão, não discutem. Muitas vezes o governo faz muito mais do que aparece”. Lembrou que como presidente da República não pode estar toda a hora nas televisões. “Primeiro não tenho tempo; segundo, vão dizer que estou abusando do fato de ser presidente. De vez em quando, tento conversar e explicar”.

Quanto às mudanças do ministério devido a candidaturas de alguns ministros, Fernando Henrique disse

“O PFL TEM, AO QUE ME LEMBRE, OS MINISTÉRIOS DA PREVIDÊNCIA E DO MEIO AMBIENTE, ASSIM COMO OUTROS PARTIDOS POSSUEM OUTROS MINISTÉRIOS. QUEM SE INCOMODA SÃO OUTROS LÍDERES NO CONGRESSO PORQUE OS DO PFL SÃO EXPERIENTES”

Fernando Henrique Cardoso

fez lá: deu autonomia ao Banco da Inglaterra (o Banco Central inglês), com a moeda nas mãos dos técnicos. Meu governo é mais à esquerda do que o proposto pelo Tony Blair”.

COMUNICAÇÃO

Fernando Henrique admitiu que seu governo, “como um todo, o conjunto do governo não sabe se comunicar. Não é um problema com a Secretaria de Comunicação

não querer um ministério flutuante. “No fim do ano alguns ministros me dirão que vão ou não ser candidatos. Os que forem candidatos, se afastam”, explicou. Prometeu que o ministério, mesmo com as futuras mudanças, será “político no sentido de se comunicar ao país, ser cooperativo. Mas não adianta indicar uma pessoa só porque tem força política e quando chega no ministério não faz nada”.